TAÇA DE PORTUGAL

BEJA, 1 – FAMALICÃO, 1

O ENTUSIASMO DISFARÇOU A MEDIOCRIDADE TÉCNICA

Não foi uma partida de boa craveira técnica a que se disputou entre a equipa local e a do Famalicão. Mas foi um desafio com muitos motivos de agrado e interesse, porque, quer os visitados, quer os visitantes, jogaram com louvável aplicação, como que esquecidos de que o resultado da primeira «mão» havia decidido, sem apelo nem agravo, qual a equipa que passaria à segunda eliminatória da «Taça». De facto, a ideia da vitória permaneceu constantemente no espírito dos jogadores de uma e outra equipa, que, assim, não regatearam esforços, nem tão pouco pareceram conformados com a igualdade estabelecida quando, ao expirar o primeiro tempo, Suarez respondeu ao golo que Nato havia marcado no minuto inicial.

O empate terá de ser considerado como o desfecho que se harmoniza bem com a actuação das duas equipas e até com o próprio desenrolar do prélio.

O Famalicão, ao longo dos 90 minutos, mostrou-se mais bem preparado, técnica e atlèticamente, possuindo ainda maior capacidade física. No entanto, a turma local houve-se demaneira a não se inferiorizar e, no primeiro tempo, com o vento a favor, desfrutou de grande vantagem territorial, embora mal aproveitada.

Após o intervalo jogou-se em toada de equilíbrio, tendo o Famalicão mostrado pouca ligação entre a defesa e o ataque, ao passo que o Beja sobressaia em segurança na extrema-defesa e pouca capacidade dos dianteiros.

Evidenciaram-se Jesus, Joab e Pena, entre os bejenses; e Sarmento, Pinho, Nato e Santana, nos visitantes.

Arbitragem de fraco nível.

MELO GARRIDO

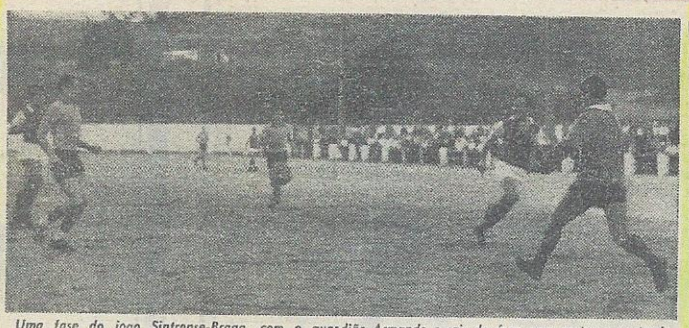
BARREIRENSE — — COVILHÃ

(Continua nas págs. centrais)

o andamento, e a bola começou a girar mais para o lado direito onde o jovem Vicente, em «veia», se impunha como o principal «veneno» para a defesa adversária. Desta feição, os golos acabaram por aparecer e, após a obtenção do segundo tento, a equipa barreirense passou ainda a manobrar melhor, enquanto os serranos oscilavam nìtidamente. Mais dois tentos foram alcançados pelos visitados, como corolário do seu ascendente, se bem que, quanto a nós, a vantagem alcançada tivesse sido algo exagerada, em relação ao que os dois conjuntos produziram em campo.

No Barreirense, Bráulio, Vicente (o melhor em campo), Bandeira, Nogueira e Adolfo salientaram-se. No Covilhã, Maçarico foi óptimo defensor, enquanto Osvaldo e Carvalho foram intencionais e Vicente o mais rematador.

VIEIRA DE CARVALHO



Uma fase do jogo Sintrense-Braga, com o guardião Armando a sair da área para cortar a pontapé uma avançada dos locais

SINTRENSE, 2 – BRAGA, 1

MERECIDA RECOMPENSA

PARA A APLICAÇÃO DOS LOCAIS

Com a vantagem de quatro golos alcançada no jogo da primeira «mão», os bracarenses tinham pràticamente assegurada a passagem à segunda eliminatória. Todavia, o Sintrense que, pela primeira vez se exibia, esta época, ante o seu público, meteu-se em brios, oferecendo, desta feita, excelente réplica aos minhotos, do que, desde logo, resultou animado despique. E o triunfo acabou por premiar, justamente aliás, a equipa que maior vontade pôs na luta.

No entanto, o primeiro golo coube aos visitantes, na marcação de um «livre» bem apontado por Ferreirinha. E o tento assim conseguido deu ainda maior dose de confiança à turma do Braga.

Decorridos, porém, dois minutos, os locais alcançaram o empate, passando a discutir a supremacia com o adversário. E, com o jogo a decorrer em feição de equilíbrio, atingiu-se o intervalo.

Na segunda parte, o Sintrense, com o seu melhor dianteiro, Sérgio, inferiorizado fisicamente, desperdiçou, de início, boas oportunidades de marcar, replicando o Braga com avançadas bem urdidas, mas bem anuladas pelos locais. E coube aos visitados, na fase derradeira, lograr o golo da vitória, que Espanhol marcou.

No Sintrense, evidenciaram-se Fardal, Pessegueiro, Gomes e Marques; e, no Braga, Armando, Sim-Sim e Ferreirinha foram os melhores.

Arbitragem criteriosa do sr. Ismael Baltazar.

FERNANDO GOMES

VILA REAL, 1 LUSITANO, 2

DOMINAR NÃO É VENCER

Nem sempre o resultado traduz o decorrer de noventa minutos de um jogo. Por vezes, a felicidade dos remates ou os deslizes da defesa ditam um vencedor que o não merecia ser.

A equipa vila-realense demonstrou, desde o início, ser capaz de fazer algo, e fê-lo, pois desenvolveu a maior parte do jogo no campo adversário, obrigando os eborenses a defenderem-se de qualquer maneira. Os alentejanos cederam «cantos» em série, que os avançados locais nunca aproveitaram. Contudo, os visitantes ainda lograram alguns cotra-ataques e remates mal intencionados, que o guardião local, todavia, anulou.

Os locais continuaram a dominar, e uma descida pela direita, do jovem Silvio, proporcionou a Avelino o 1.º golo da partida. Os eborenses viram o perigo e tentaram libertar-se do domínio e, num contra-ataque Totó conseguiu empatar. O jogo entrou depois em equilíbrio, mas após o intervalo os alentejanos dominaram e obrigaram o guarda-redes local a executar um bom punhado de defesas.

Os «alvi-negros» sacudiram a pressão e instalaram-se no meio-campo adversário. Mas, num contra-ataque dos visitantes conduzido por José Pedro este proporcionou a Caraça a possibilidade de marcar o segundo golo, que seria o da vitória.

Daí até final, os locais desorganizaram-se de tal maneira que não conseguiram fugir à derrota, mau grado o domínio intenso que exerceram.

A arbitragem de Armando Faria não teve problemas.

L. M.

BENFICA — ATLÉTICO

(Continuação da 1.ª pág.)

quatro golos, para dar ao desafio, no final do primeiro tempo, um resultado substancial e pràticamente definitivo.

É claro que a chuva aleiou a qualidade do futebol praticado por ambas as equipas, ensopando o relvado e tornando-o escorregadio e dificultando, portanto, a exibição dos jogadores, pois chovia, mas sem a intensidade anterior.

Pode afirmar-se que, no segundo tempo, o jogo foi marcado pelas lesões de Coluna, primeiro, que caiu espectacularmente, rasteirado por Silvino, e depois por Cruz, que se magoou num joelho, em choque com o seu guarda-redes.

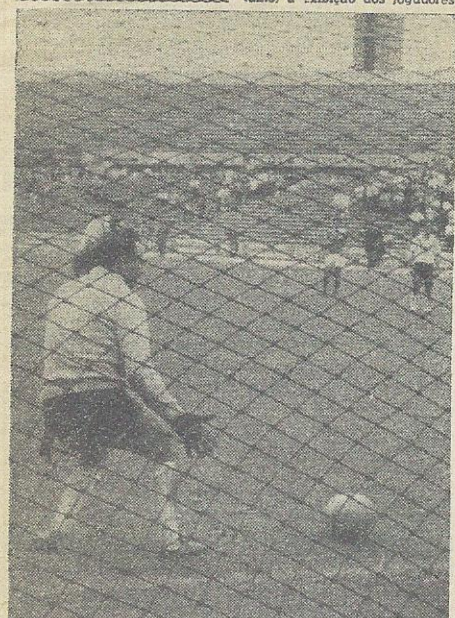
Um e outro estiveram fora do terreno a ser assistidos pelo massagista, regressaram ao campo, com evidentes dificuldades, mas acabaram por sair definitivamente, deixando a equipa reduzida a nove jogadores, e criando as dificuldades que se calcula frente à equipa do Atlético, que nunca se entregou, apesar da elevada diferença de golos.

A superioridade numérica do Atlético e a natural preocupação do Benfica em evitar mais lesões propiciaram, como é natural, a reacção dos alcantarenses, que veio a ser compensada com a marcação de dois golos, o último dos quais de grande penalidade, precisamente ao expirar o tempo regulamentar.

As duas equipas, para além do elevado desnível do resultado, ofereceram um espectáculo que interessou o público, podendo salientar-se, particularmente, na turma do Benfica, os dois jovens Guerreiro e Arcanjo, autores de mais de metade dos golos, enquanto nos visitantes foi o conjunto que prevaleceu.

Arbitragem regular e sem complicações do sr. Vaz Valente.

AURÉLIO MÁRCIO



Estava-se nos últimos segundos da partida Benfica-Atlético, e Carlitos marcou o 2.º golo da sua equipa, na transformação de uma grande penalidade

LAMAS, 2 – ESPINHO, 1

GANHOU A EQUIPA MAIS AGUERRIDA

O União de Lamas teve que efectuar o seu jogo com o Espinho no estádio «Marcolino de Castro», por não ter o seu campo devidamente preparado.

O desafio valeu apenas pelo entusiasmo que ambos os contendores puseram na luta, já que bom futebol pouco se viu. O União de Lamas mostrou-se aguerrido e a jogar mais em força do que em jeito, por vezes até com violência, e o Espinho mais retraído, mais calmo, a procurar um fio de jogo que o seu adversário não deixava aparecer.

Ganhou o União de Lamas e bem, porque foi sempre a equipa mais voluntariosa ao longo de toda a partida e podia até ser mais expressivo o resultado, se não fosse o nervosismo e a pouca sorte de alguns dos seus avançados na zona de remate.

Nos vencedores, destacaram-se Flávio, Lopes, Moreira e Ramos. No Espinho, cujos jogadores nos pareceram não estar fisicamente bem preparados, distinguiram-se Padrão, Alcobia e Cálilichio.

A arbitragem do sr. Francisco Guerra nem sempre foi perfeita.

JOSÉ ARROJA

«OS BELENENSES» — — FEIRENSE

(Continuação da pág. anterior)

ca. O Feirense pôde, por isso, dar melhor réplica e disfarçar a diferença de categoria que, no primeiro tempo, foi bastante clara.

«Os Belenenses» pareceram querer repetir o resultado da «1.ª mão» — 4-1 — que veio a ser o desfecho do jogo.

Nos vencedores, salientaram-se José Pereira, Alberto Luís, Vicente, Pelózinho, Palico e Godinho.

Nos vencidos, distinguiram-se o guardião César, Acácio, Jaime e Silva Pereira.

A arbitragem do sr. Encarnação Salgado, de Setúbal, decorreu cuidadosa e sem problemas.

MARIO MARTINS

BEIRA MAR — — ACADÉMICA

(Continuação da página anterior)

tida foi de nível fraco e jogada, como anteriormente, com rudeza e na mesma toada: os jogadores da Académica mais esclarecidos, incisivos e rematadores e os locais complicativos a caminhar para a baliza, sem importunarem o guarda-redes Viegas.

Antes do final, registou-se a expulsão de Oliveira Duarte, como conseqüência do jogo violento em que o desafio foi fértil.

Os «estudantes» acabaram por vencer com um golo de «penalty», consentido por Evaristo, ao meter a mão à bola num lance inofensivo.

Arbitragem fraca.

ANTÓNIO LEOPOLDO

FARENSE — COVA DA PIEDADE

(Continuação da pág. anterior)

dente, acabou, ao invés, por gerar como que um estado de letargia, particularmente no ataque, que permitiu aos visitantes o equilíbrio da partida, ao mesmo tempo que criava muitos e difíceis problemas à defensiva — sector em que Rodrigues teve de evidenciar-se para garantir a intangibilidade das suas redes.

No segundo tempo subiu considervelmente o nível do encontro, muito embora, até à meia hora, fossem os visitantes que transmitissem a ideia de equipa mais estruturada. Porém, ao entrar-se no derradeiro quarto de hora, o ataque de Faro «acordou» de novo e José Bento acabou por dar à sua equipa o direito de passar à eliminatória imediata.

Arbitragem aceitável.

J. A.

OLHANENSE — SEIXAL

(Continuação da página anterior)

dificilmente poderia, como não pôde, até ao intervalo, ultrapassar o aglomerado de jogadores colocados em frente da baliza de José Henriques.

No segundo tempo, surgiu um olhanense mais desenvolto e certo nos endossos e nas jogadas pelos corredores laterais, bem apoiadas pelos homens da rectaguarda. E, uma vez obtido o golo, outro se seguiu. Desfeito, assim, o estimulante dos seixalenses, a turma algarvia teve um período de boa produção, que destroçou por completo o adversário e só não proporcionou mais golos por deficiência de remate.

No trecho final, com a eliminatória ganha e o adversário subjugado, o Olhanense decaiu e consentiu o ponto de honra ao adversário no derradeiro minuto. Porém, embora os visitantes atacassem mais neste quarto de hora final, o seu futebol carecia de intencionalidade, pois era caracterizado por uma toada de força.

ENCARNAÇÃO VIEGAS

MATOS
CABELEIREIRO
CORES E PENTEADOS MODERNOS
PREÇOS ACESSÍVEIS
Rua Francisco Sanches, 8
Telef. 48777
(à Cervejaria Portugália)

FAQUEIROS
Cristofle, aço inox e cromo-níquel, vende-se toda existência, óptimos preços. R. dos Correeiros, 184, 2.º, Dt.º

EXTERNATO MODERNO
(FEMININO)
Sede: Av. D. Carlos I - 130
Tel. 66 45 30
Secção: Calçada da Estrela, 75
Instrução primária e Curso completo dos liceus
AULAS DIURNAS E NOCTURNAS

O «DIÁRIO POPULAR»
VENDE-SE NA PASTELARIA NÉZITA
EM CAMARATE